



A presença indígena na obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa.

Liana Depieri Amorim¹

Resumo

Guimarães Rosa e sua obra já fazem parte do cânone literário brasileiro, inclusive por sua inovação linguística. A crítica literária considera o autor, e conseqüentemente sua produção literária, como integrante dos romances ditos regionalistas, justamente pela temática voltada para o interior do país. Contudo, sabemos que o termo “regionalismo” serve para diminuir o valor literário de obras que não fazem parte do “centro” do Brasil, dominado pela elite literária carioca e paulista. Por esse motivo, *Grande Sertão: Veredas* será retratada a partir de outro enfoque, resgatando novos elementos que a compõem e a tornam um cânone literário, sem o rótulo de “regionalista”. Serão utilizadas a teoria do Perspectivismo Ameríndio, do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, que nos ajudará a entender um pouco sobre a cultura indígena, iluminando o modo de pensar não ocidental; o conceito de performance de Paul Zumthor, visto que Riobaldo se distingue de outros narradores tradicionais do gênero; outras fontes como a biografia de Guimarães Rosa e, ainda, alguns textos publicados pelo autor servirão de base para a proposta aqui presente.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Perspectivismo Ameríndio. Performance. Grande Sertão: Veredas. Cultura indígena.

Abstract

Guimarães Rosa and his work have been part of the Brazilian literary canon , including for their linguistic innovation . Literary criticism considers the author , and consequently his writing , as part of the regionalist novels said precisely the issue facing the interior of the country . However, we know that the term "regionalism" serves to diminish the value of literary works that are not part of the " center" of Brazil , dominated by the literary elite of Rio and São Paulo . For this reason , *Grande Sertão : Veredas* will be portrayed from another approach , rescuing new elements that make it up and make it a literary canon without the label of " regionalist ." Will use the theory of Perspectivism Amerind, anthropologist Eduardo Viveiros de Castro , which will help us understand a little about Indian culture , illuminating the Western way of thinking not , the concept of performance Paul Zumthor , since Riobaldo

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. lidepieri@hotmail.com

is distinguished from other traditional storytellers of the genre , other sources such as the biography of Guimarães Rosa , and also some texts published by the author will be the basis for this proposal here .

Keywords : Guimarães Rosa. Amerindian perspectivism. Performance. Grande Sertão: Veredas. Indigenous culture.

Panorama histórico

Pensar em Sertão ainda hoje é pensar em atraso, todavia Guimarães Rosa, um dos mais importantes autores da literatura brasileira, reconheceu nesse espaço outra dinâmica que pode ser utilizada para retratar um Brasil que ainda permanece desconhecido. Ao analisar a situação brasileira, economicamente falando, o território litorâneo e suas relações comerciais moldaram a história do país, tendo como foco o mercado externo, o sistema econômico da *plantation* e a mão de obra escrava (Caldeira, 2009). Retornar a esse tempo, talvez um pouco distante de Guimarães Rosa, se faz necessário para que possamos reconfigurar o espaço interiorano do país. Tomaremos como foco teórico, para ampliar a visão historiográfica brasileira, a noção de **empreendedor** que Jorge Caldeira adota para explicar o desenvolvimento do mercado interno brasileiro, até então considerado inexistente no período do Império e da Regência.

Um novo entendimento do mercado interno, para além das aparências ideológicas, só é possível com a introdução de um novo ponto de vista de análise. Esse ponto de vista está sintetizado na figura do empreendedor. (...) A figura do empreendedor está ligada não a um resultado, mas a um caminho. A definição não abrange os bem-sucedidos, mas todos aqueles que tentavam. (Caldeira, 2009, p. 22).

Este empreendedor, segundo Caldeira, é o homem livre que vive no interior do país e que não está inserido no sistema triangular acima mencionado (escravidão, *plantation* e exportação). Aqueles que trabalhavam de maneira autônoma, que não eram assalariados, nem proprietários de terras e nem escravos, independente da raça ou da condição econômica, são considerados, por Caldeira, empreendedores e, o que configurava realmente este homem livre era o fato de trabalhar sem vínculo com quem desejasse. Jorge Caldeira cita em sua obra um excerto de Amílcar Martins Filho e Roberto Martins, em que podemos compreender melhor como se davam as relações entre os homens livres e o restante da sociedade, utilizando o estado de Minas Gerais como exemplo:

Uma economia de características próprias, percebidas inicialmente num importante estudo pioneiro de Amílcar Martins Filho e Roberto Martins, publicado em 1983. Suas conclusões resumidas:

(...) Havia muita gente em Minas Gerais, mas para desespero dos que queriam empregar, sempre faltaram trabalhadores assalariados. Os camponeses livres até aceitavam trabalhos ocasionais, como o de limpar a terra, ou o engajamento como vaqueiros e tropeiros; mas era muito difícil convencê-los a trabalhar para outros de modo permanente. (Caldeira, 2009, p. 12-13).

Caldeira utiliza essa relação para analisar a necessidade de mão de obra escrava na região interiorana, visto que a população existente nas regiões mineradoras possuía, em função da grande oferta de oportunidades, condições de sobreviver sem ter de se vincular a qualquer tipo de trabalho que estabelecesse relações de submissão permanente. Caldeira identifica nesta situação a condição que propiciou o desenvolvimento do mercado interno brasileiro. A teoria a respeito do empreendedorismo avança ainda mais ao constatar que nunca houve, por exemplo, o desejo de saída de moradores da colônia para buscar o enriquecimento na metrópole, ou seja, as oportunidades de crescimento estavam aqui. Com uma sociedade mais aberta que a europeia e com uma possível mobilidade social, a dinamicidade do mercado interno permitia que tanto os colonos portugueses como a população nativa (e nesta inclui-se o indígena) obtivessem condições de sobreviver e adquirir maior poder econômico (Caldeira, 2009). O mercado interno só se fortalecia e não sofria nem mesmo com a crise das exportações, pelo contrário, a economia gerada pela atividade interna do Brasil permitia que a economia geral se mantivesse mais estável.

Este brevíssimo panorama sobre a formação das relações sociais do interior brasileiro serve como o primeiro passo para entender o que Guimarães Rosa estava mostrando ao colocar a narrativa na voz de um mestiço. Para compreender a obra precisamos entender o mundo sertanejo, mas sem o preconceito do exotismo, compreender que o mundo retratado funciona a partir de outra lógica, totalmente distinta da urbana, industrial e ocidental que influencia a maior parte dos romances brasileiros, até mesmo àqueles que se propõem a mostrar outras perspectivas de Brasil.

(...) a Minas [Gerais] do sertão, que estará integrada ao mundo daquela outra formação, que Caldeira qualifica como sendo a dos empreendedores, fora da Corte, fora da literatura culta e mesmo fora do português culto. E neste outro processo se poderá ver essa linhagem muito significativa de narrativas, linhagem que a visão modernista, urbanófila, desprestigia, negligencia ou simplesmente renega, linhagem que demonstra o parentesco de todo o mal chamado “regionalismo”, literatura que, para acrescentar outro elemento, guarda ligações importantes com a tradição narrativa oral, seja nos temas (lendas, imaginário indígena, etc), seja nas formas (formas arcaicas de relato e poesia, a linguagem, o narrador totalmente identificado com o protagonista). (Fischer, 2011, p. 67).

Em *Grande Sertão: Veredas* é possível perceber a influência deste outro mundo na fala de Riobaldo, na constituição das personagens, na estrutura da obra, enfim, Guimarães Rosa nos

deixa muitos indícios do seu conhecimento sobre o sertão e sobre as pessoas que dele fizeram parte e negar a influência indígena, tanto na cultura retratada como na produção literária em si, seria um equívoco, visto que o índio foi o principal formador deste ambiente considerado por muitos como selvagem e desabitado.

Contato do autor com a cultura indígena

João Guimarães Rosa (1908-1967) formou-se em medicina no ano de 1931 e iniciou sua carreira em Itaguara, município de Itaúna (MG), um pequeno povoado rural sem luz e com estradas de terra. Ele visitava seus pacientes a cavalo, tendo contato com moradores da roça, ciganos, doentes de malária e trabalhadores da estrada São Paulo-Belo Horizonte.

Em abril de 1933, ingressou na Força Pública de Minas como oficial-médico do 9º Batalhão de Infantaria, sediado em Barbacena. É nesse período que ele trabalha no Serviço de Proteção ao Índio² (1933-1935). Em 1934, Rosa presta concurso para a carreira de diplomata, por estar decepcionado com a medicina. No exame de geografia, o ponto sorteado que lhe coube foi “Raças, línguas e religiões do globo”. Em carta a Lygia, sua esposa, relata como foi sua resposta:

Além de médico, tenho estudos especializados de anthropologia e ethnographia [...] e de linguística também [...] E por acaso, o homem veio interrogar-me justamente sobre os índios Ka-shi-nauás, a respeito dos quais fiz eu citações naqueles artigos que escrevi há muito tempo, acerca do ESPERANTO³. Naturalmente, discorri com valentia a respeito delles. (Cadernos de Literatura Brasileira, 2006, p.15).

Ao longo de sua carreira como diplomata, ele escreveu muitos artigos em jornais e periódicos, dentre eles, destaque três⁴, que fazem referência ao contato do autor com comunidades indígenas:

² SPI: Primeiro aparelho de poder instituído para gerir a relação entre os povos indígenas, distintos grupos sociais e demais aparelhos de poder. A estrutura do Serviço de Proteção ao Índio previa a criação de núcleos militares para melhor cumprir a tarefa de nacionalização das fronteiras e o policiamento dos sertões habitados por índios (Cunha, 167). *O SPI foi criado em 1910 como Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN), parte constituinte do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Pacificação foi a grande estratégia de conquista de Cândido Rondon, [...] tratava-se de atrair e pacificar, conquistar terras sem destruir os ocupantes indígenas, obtendo, assim, a mão de obra necessária à execução dos ideais de desbravamento e preparação das terras não colonizadas por meio de populações aclimatadas aos trópicos. Realizar-se-ia o duplo movimento de conhecimento-apossamento dos espaços grafados como desconhecidos nos mapas da época, e a transformação do índio em trabalhador nacional. (CUNHA, p. 160-161).*

³ Esperanto: língua artificial criada em 1887, para ser usada na comunicação internacional. Guimarães Rosa aprendeu em 27 dias a falar tal língua, a pedido de um tio.

⁴ Estes textos encontram-se publicados na obra *Ave, Palavra*.

Sanga Puytã: viagem do autor pelo sul do Mato Grosso, região do Pantanal, em que ele testemunha os intercâmbios culturais entre paraguaios e brasileiros. Tem como companhia o chefe tereno Francisco das Chagas, entre outros. Este texto foi publicado no jornal carioca *Correio da Manhã*, em 17 de agosto de 1947.

Ao Pantanal: relato de uma viagem ao Pantanal, publicado pela primeira vez em 5 de abril de 1953, no jornal *Diário de Minas*. Neste ele não fala explicitamente do contato com os indígenas, no entanto encontramos muitos aspectos culturais através dos relatos da natureza, explicando sobre animais e plantas encontradas na região.

Uns Índios (sua fala): mais um relato da viagem ao Pantanal, realizada em 1947, centrado agora na visita a uma aldeia indígena (Os Terenas). Neste ele fala sobre tal população indígena e faz algumas reflexões sobre a língua, principalmente a relação dos nomes de cores. Publicado em 25 de maio de 1954, no suplemento *Letras e Artes* do jornal *A Manhã*.

Entender a experiência e o conhecimento do autor sobre as culturas indígenas nos traz um novo olhar sobre o papel de *Grande Sertão: Veredas* no cenário literário brasileiro. Ao contrário do que muitos dizem, esta obra não é só um marco linguístico em que a língua portuguesa foi utilizada por Rosa como um instrumento de criação e inovação, mas algo muito maior, pois ela retrata e resgata um mundo que não era mais valorizado apesar de ainda existir.

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, - tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, - para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo. (Candido, 1991, p. 295).

Além dos Terenas e dos Kaxinawás, Guimarães conhecia a gramática Tupi e os Xacriabás, que possuem língua da família Jê, umas das grandes famílias linguísticas indígenas do Brasil. Existem no Brasil quatro grandes grupos linguísticos com numerosos membros espalhados por vastas áreas: Arawak, Karib, Tupi e Jê, além de vários outros grupos menores como Maku e Pano. Logo, Guimarães Rosa teve contato com três das principais famílias linguísticas e, ainda, com pelo menos um grupo menor linguístico, o que nos leva a entender seu amplo

conhecimento a respeito das línguas indígenas faladas no interior do país, que fizeram parte da formação do português testemunhado pelo autor em suas diversas viagens pelo sertão.

Arawak: O termo Arawak refere-se a um grupo geneticamente mais abrangente, provindos da Bolívia, nas redondezas do lago Titicaca e do Peru, próximo a Cuzco. Neste grupo linguístico, incluímos os Terenas, que habitam a região Norte da Amazônia.

A frente de expansão no oeste brasileiro absorveu grande contingente terena como mão-de-obra para as fazendas, onde trabalhavam em condições de semi-escravidão. Os Terena, em parte provavelmente por terem se tornado equestres, conseguiram manter uma melhor dinâmica de articulação frente ao branco, mantendo-se como grupo enquanto as outras parcelas guaná foram sendo aos poucos absorvidas. Assim os Terena foram um dos grupos indígenas que mais contribuíram no processo de povoamento do sudoeste brasileiro: como produtor de bens de consumo para os primeiros moradores da região; como mão-de-obra nas fazendas de criação de gado e, já no início deste século, trabalhando na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e das linhas telegráficas da região. Estas foram levantadas pela comissão de engenharia chefiadas por Rondon, intimamente ligado, como fundador do SPI, à criação das atuais reservas terena. (Carvalho, 1998, p. 471).

Pano: Concentra-se no oeste brasileiro e no Peru, também com alguns falantes na Bolívia. Neste grupo linguístico, estão incluídos os Kaxinawa, que possuem pelo menos três dialetos distintos. Inicialmente habitaram a localidade fronteira entre o Brasil e o Peru, no estado do Acre. São etnias que sempre viveram próximas aos rios.

Todo este conhecimento a respeito da cultura e da língua indígenas contribuiu para a composição das obras de Rosa, inclusive o autor sempre utilizava cadernetas de anotações em suas viagens, que resgatava para escrever suas obras. Ele também demonstrava um grande respeito por tais culturas, incluindo-as em seu projeto literário e linguístico. As experiências como médico e diplomata, além dos conhecimentos adquiridos no estudo de línguas fizeram com que o autor tivesse propriedade sobre o conteúdo de suas obras, unindo criatividade e conhecimento para escrever sobre este outro ambiente, sempre retratado de maneira preconceituosa e estereotipada por outros autores brasileiros.

Indícios indígenas possíveis na obra

Grande Sertão: Veredas foi escrito em 1956, marcando a literatura brasileira por abrir caminho para a criação de um novo modelo narrativo, período em que surgem obras voltadas

para o meio rural e, principalmente, pelo desaparecimento do caboclo sertanejo frente ao avanço da industrialização e do êxodo rural, iniciado na Era Vargas.

Segundo Manuela Carneiro da Cunha:

Sabe-se pouco da história indígena: nem a origem, nem as cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu. Mas progrediu-se, no entanto: hoje está mais clara, pelo menos, a extensão do que não se sabe. [...] Na segunda metade do século XIX, essa época de triunfo do evolucionismo, prosperou a ideia de que certas sociedades teriam ficado na estaca zero da evolução, e que eram portanto algo como fósseis vivos que testemunhavam o passado das sociedades ocidentais. Foi quando as sociedades sem Estado se tornaram, na teoria ocidental, sociedades 'primitivas', condenadas a uma eterna infância. E porque tinham assim parado no tempo, não cabia procurar-lhes a história. (CUNHA, 1998, p. 11).

O índio não aparece diretamente em *Grande Sertão: Veredas*, no entanto, Riobaldo é um mestiço, filho de uma bugra e de um fazendeiro. O elemento indígena, assim, encontra-se marcado pela mestiçagem e pela sociedade ágrafa, pela oralidade (conhecimentos da natureza como rios, matas). Por colocar o narrador como um mestiço, ele traz a voz da figura interiorana, distante do mundo ocidental, inclusive com linguagem própria, colocando nele até mesmo o preconceito contra os indígenas. Riobaldo, ao expor suas impressões ao visitante da cidade sobre os índios, deixa claro que estes são vistos como inferiores frente ao branco e sua cultura:

Em tanto, ponho primazia é na leitura proveitosa, vida de santo, virtudes e exemplos – missionário esperto engambelando os índios, ou São Francisco de Assis, Santo Antônio, São Geraldo...Eu gosto muito de moral. Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar a justo. (Rosa, 2006, p.15).

Quem tem mais dose de demo em si é índio, qualquer raça de bugre. Gente vê nação desses, para lá fundo dos gerais de Goiás, adonde tem vagarosos grandes rios, de água sempre tão clara aprazível, correndo em deita de cristal roseado... (Rosa, 2006, p.22).

Mas este narrador, ao falar de sua mãe bugra, Bigrí, sente saudades, lembrando de sua infância e do sofrimento que ambos passaram na fazenda em que ele fora criado.

Minha mãe morreu – apenas a Bigrí, era como ela se chamava. Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza. Mas uma tristeza que todos sabiam, uma tristeza do meu direito. De desde, até hoje em dia, a lembrança de minha mãe às vezes me exporta. Ela morreu, como minha vida mudou para uma segunda parte. Amanheci mais. De herdado, fiquei com aquelas miserinhas – miséria quase inocente – que não podia fazer questão: lá larguei a outros o pote, a bacia, as esteiras, panela, chocolateira, uma caçarola bicuda e um alguidar; somente peguei minha rede, uma imagem de santo de pau, um caneco-de-asa pintado de flores, uma fivela grande com ornados, um cobertor de baeta e minha muda de roupa. (Rosa, 2006, p. 111).

Ao pensarmos nas experiências do autor pelo interior do Brasil, podemos enxergar a personagem Raymundo Lé como um indígena, visto que este era o curandeiro do bando de jagunços da qual Riobaldo fazia parte. Tal personagem não possui um destaque significativo no enredo, contudo, estes pequenos indícios mostram que ali existe uma influência cultural importante na constituição geral da obra. Rosa, conhecido por seu primoroso trabalho linguístico, com um léxico distinto do falado nos espaços urbanos, traz junto de tal inovação todo o seu conhecimento a respeito do sertão e, como o indígena era parte integrante deste ambiente, o retratou com a sua devida importância:

[...] mas Raymundo Lé, que entendia de curas e mezinhas⁵, teve cargo de guardar sempre um surrão com remédios. (Rosa, 2006, p.92).

[...] Raymundo Lé, puçanguara⁶, entendido de curar qualquer doença. (Rosa, 2006, p.320).

Raymundo Lé banhou com casca de angico, na hora melhora. (Rosa, 2006, p.321).

A ser, o fígado, que me doía; mas não me certifiquei: apalpar lugar de meu corpo, por doença, me dava um desalento pior. Raymundo Lé cozinhou para mim um chá de urumbeba. (Rosa, 2006, p.405-406).

Existem, ainda, alguns jagunços como: Joaquim Beijú que podia mapear planta; Alaripe, que conhecia plantas e flores; Paspé, que também cozinhava chás; Gavião-Cujo, um cafuz pardo; Lacrau, um caboclo claro.

O léxico de influência indígena, como do Tupi (Pajear, pajelança; Tatarana; Urutu; Caipora; Itamotinga; Puçanguara; Mbaiá) e do Guarani, são vocábulos que servem para expor os rituais e as grandes mudanças na vida do narrador, cuja honra sempre fora de extrema importância. Outro indício que compõe a obra seria a relação das mudanças na vida de Riobaldo, aliada à mudança de nome, que não é aleatória, e como nos esclarece Viveiros de Castro, o nome faz parte da personalidade e do crescimento do homem nas culturas e na mitologia indígenas.

Para os homens, o rito de passagem equivalente aos ritos da menarca era a execução cerimonial de um prisioneiro. Sem ter morto um cativo e passado por sua primeira mudança de nome, um rapaz não estava apto a se casar e ter filhos; nenhuma mãe daria sua filha a um homem que não houvesse capturado um ou dois inimigos e assim trocado seu nome de infância. A reprodução do grupo, portanto, estava idealmente vinculada ao dispositivo de preação e execução ritual de inimigos, motor da guerra. (Castro, 2011, p. 228).

⁵ Remédio

⁶ Curandeiro

Entre os jagunços do sertão, a palavra e a honra são a lei e aqui existe uma lógica parecida com o conceito de vingança que move a cultura indígena. Segundo Viveiros de Castro, os índios não possuíam um temperamento agressivo, ou seja, vingar-se não era violência, mas uma atitude que movia sua cultura e que, para ter honra e produzir memória e tradição, era necessário que a morte ocorresse nas mãos dos inimigos, para que pudesse haver vingança e honra (Castro, 2011). Este ciclo é de extrema importância para as culturas indígenas e o respeito ao inimigo também faz parte disto, assim como todos respeitavam Joca Ramiro e este a seus inimigos, como percebemos no episódio da obra em que Zé Bebelo não é morto e ganha o direito a um julgamento.

A performance de Riobaldo: os traços de oralidade

O que aproxima *Grande Sertão: Veredas* da oralidade não é somente a análise linguística, mas a análise narrativa e estrutural da obra, como a ausência de capítulos e, principalmente, a ausência de linearidade: este é um traço marcante da oralidade, pois ela conta com a memória, o que faz com que a narrativa seja um “vai e vem” constante e passível de distintas performances. O desafio do autor foi justamente compreender e encontrar uma maneira eficaz de transformar o texto oral em texto escrito, sem cair no estereótipo de inferiorizar um código em detrimento de outro.

(...) esta forma tradicional é profundamente enganosa, pois ela encobre, ou tende a encobrir, dois aspectos fundamentais. O primeiro deles é a presença de um interlocutor, uma inovação que carrega um profundo simbolismo. É verdade que este interlocutor é completamente mudo, de maneira que o relato de Riobaldo, o protagonista-narrador, jamais perde a característica técnica de um longo e ininterrupto monólogo. Contudo, o *interlocutor existe de fato*, é *descrito* como um *doutor* que se desloca pelo sertão em um jipe e que, de caderneta em punho, vai anotando o relato, permitindo-se lá de vez em quando algumas risadas ou um cético torcer de boca. Na realidade, esta inovação é um achado simples e ao mesmo tempo genial do autor, pois através dela se caracteriza claramente uma situação em que o *doutor* é o representante de uma cultura letrada – a da costa e de seus núcleos urbanos, obviamente – que fixa para a posteridade o sertão e sua cultura oral – a sociedade caboclo-sertaneja – no momento em que ambos, o sertão e a cultura oral, estão em vias de desaparecer. (Dacanal, 2002, p. 85- 86).

O elemento indígena marcado pela mestiçagem e pela sociedade ágrafa, ou seja, oral, pode ser comparado ao conceito tupinambá de narrador, bastante comum nas culturas ameríndias. Riobaldo, ao contar suas experiências, distingue as que viveu das contadas por outros ou baseadas em crenças populares, como é o caso do diabo, que possui muitos nomes e muitos rostos, tendo em cada história uma versão distinta, sem que seja uma só considerada

verdadeira. A relação do narrador da obra com seu compadre Quelemém pode ser comparada ao que Viveiros de Castro expõe sobre as culturas indígenas, em que a palavra dos xamãs e pajés era sempre uma prova de sabedoria e verdade a respeito das reflexões sobre o mundo.

A língua tupinambá, como é comum nas culturas ameríndias, distinguia entre a narração de eventos pessoalmente experimentados pelo locutor e aqueles ouvidos de terceiros. Minha experiência com os Araweté, povo tupi que apresenta numerosas afinidades com os Tupinambá – inclusive na centralidade da figura dos xamãs como formuladores e divulgadores do saber cosmológico -, inclina-me a tomar as declarações do tipo “assim dizem nossos pajés” como fórmulas citacionais que marcam uma relação não-experiencial do locutor com o tópico do discurso. (Viveiros, 2011, p.215).

Contudo, para tratar da questão da oralidade, seria importante abordar o conceito de Performance⁷. Mesmo que estejamos nos referindo a uma obra escrita, é pertinente analisar o caráter performativo do narrador, principalmente quando este possui marcas explícitas da oralidade em sua fala. Como a performance é um momento de recepção, arrisco dizer que o valor de *Grande Sertão: Veredas* está ligado justamente a essa característica performativa.

Ora, *compreender-se*, não será surpreender-se, na ação das próprias vísceras, dos ritmos sanguíneos, com o que em nós o contato poético coloca em balanço? Todo texto poético é, nesse sentido, performativo, na medida em que aí ouvimos, e não de maneira metafórica, aquilo que ele nos diz. Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ela está lá. Não se acrescenta, ela está. É a partir daí, graças a ela que, esclarecido ou instilado por qualquer reflexo semântico do texto, aproprio-me dele, interpretando-o, ao meu modo; é a partir dela que, este texto, eu o reconstruo, como o meu lugar de um dia. E se nenhuma percepção me impele, se não se forma em mim o desejo dessa (re)construção, é porque o texto não é poético; há um obstáculo que impede o contato das presenças. Esse obstáculo pode residir em mim ou provir de hábitos culturais (tal como chamamos o gosto) ou de uma censura... (Zumthor, 2000, p.64).

Para Zumthor, o leitor busca, na leitura solitária, os sons, e esse desejo de um resgate da unidade da performance nada mais é do que uma busca pela plenitude, em que se torna possível imaginar o ritmo respiratório, a postura (Zumthor, 2000), enfim, a condição de sentidos imagéticos que possam preencher as lacunas da leitura e personificar o narrador.

A genialidade e o valor de *Grande Sertão: Veredas* ocorrem por diversos motivos, principalmente por sua inovação linguística e sua temática, voltadas para um mundo deslocado do ambiente reconhecido como civilizado. Contudo, poucos questionam os

⁷ Segundo Paul Zumthor, o termo *Performance* é utilizado com a seguinte concepção: Termo antropológico e não histórico, relativo, por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, *performance* designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira *imediate*. Nesse sentido, não é falso dizer que a performance existe fora da duração. [...] A performance é então um momento da recepção: momento privilegiado, em que um enunciado é realmente recebido. (Zumthor, 2000, p.59).

caminhos que o autor trilhou para conhecer e retratar o mundo do sertão com tamanha maestria. Ao longo de sua carreira como diplomata, ele escreveu muitos artigos em jornais e periódicos que fazem referência ao contato do autor com comunidades indígenas. Estes textos, aliados à biografia de Guimarães Rosa, nos ajudam a entender sua literatura, inclusive a influência da presença indígena em suas obras. *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, está marcada pela história e pela cultura indígena que inspiraram o autor, com elementos tanto da mitologia como dos aspectos linguísticos das principais línguas indígenas faladas no interior do Brasil, fato realmente novo, visto que, em termos de literatura, poucos tentaram entender de fato estas culturas que compõem o imaginário indígena, reconhecendo-os como seres pensantes e produtores de conhecimentos e de sentidos.

Espectáculo prioritariamente visual, apreendido muito mais pelo olhar que pelo ouvido, o índio do Brasil apresentou-se desde o início, e durante muito tempo, como figura muda. Apesar do grande interesse que lhes suscitava o chamado gentio e do empenho de pesquisa e pedagogia de jesuítas e outros desbravadores das línguas autóctones, não pareciam estes propriamente interessados no que o índio pudesse ter a dizer. (Matos, 2010 p. 435).

Percebemos, ainda, o caráter performativo existente, visto que Riobaldo, está muito mais próximo de um narrador oral do que de um narrador típico de primeira pessoa dos romances da época. Desta forma, buscar a presença da figura indígena em *Grande Sertão: Veredas*, a influência que o contato do autor com tantas culturas indígenas exerceu em sua literatura e identificar a oralidade intrínseca na obra trazem um novo olhar distinto do já consagrado em termos de crítica literária (que negligencia a figura indígena na constituição da obra e que somente aponta como valioso e original o caráter linguístico desta). Guimarães Rosa, a meu ver, foi muito mais além ao dar voz ao “outro”, que não compõe o mundo ocidental a que a cultura brasileira em geral está habituada a se reconhecer - mesmo que isto seja algum tipo de ilusão em busca de uma identificação com as culturas hegemônicas. O autor, além de respeitar este distinto jeito de ver e de viver, consegue, e esta é a sua grande genialidade, fazer falar o narrador sem utilizar estereótipos e sem cair no exotismo que permeia a literatura brasileira considerada “regionalista”, outro termo que parece equivocado já que *Grande Sertão: Veredas* é uma obra de caráter universal, não esqueçamos que, como diz Riobaldo: *O sertão está em toda parte*.

Referências Bibliográficas

Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº 20 e 21, Dezembro de 2006.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosacnaify, 2011.

CALDEIRA, Jorge. *História do Brasil com empreendedores*. São Paulo: Mameluco, 2009.

_____. “O processo econômico”. In: COSTA E SILVA, Alberto (coord.). *Crise colonial e Independência – 1808-1830*. Volume 1 da série *História do Brasil Nação – 1808-2010*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. O Homem dos Avessos. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CARVALHO, Silvia M. Schmuziger. Chaco: encruzilhada de povos e “melting pot” cultural, Suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense. In: CUNHA, Manuela Carneiro. *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

CUNHA, Manuela Carneiro. Introdução a uma história indígena. In: CUNHA, Manuela Carneiro. *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

DACANAL, José Hildebrando. *Grande Sertão: Veredas. A obra, a História e a crítica*. In: DACANAL, José Hildebrando. *Ensaios Escolhidos*. Leitura XXI: Porto Alegre, 2002.

FISCHER, Luís Augusto. “A formação vista desde o sertão”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.18, 2011.

MARTINS, Nilce Sant’ Anna. *Léxico de Guimarães Rosa*. Edusp, 3ª edição, São Paulo, 2008.

MATOS, Cláudia Neiva de. Textualidades Indígenas no Brasil. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.), Conceitos de Literatura e Cultura. Juiz de Fora/ Niterói: Editoras UFJF/ EdUFF, 2010.

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Nova Fronteira, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1985.

_____. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Biblioteca do Estudante, 2006.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.